



**COMO ENSINAR GEOGRAFIA EM MOVIMENTO SE A ESCOLA ESTÁ PARADA?
A AULA DE CAMPO, MAIS DO QUE UMA SAÍDA, É UMA OPORTUNIDADE DE
TRANSFORMAR O OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO. O QUE IMPEDE ESSA PRÁTICA
DE ACONTECER?**

Cleydson Gabriel Silva Rodrigues¹

(Graduando em licenciatura em geografia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, (84) 98853-3325, cleydson.g@escolar.ifrn.edu.br)

Fylipe Rafael Nascimento de Andrade²

(Graduando em licenciatura em geografia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, (84) 99418-094, fylipe.rafael@escolar.ifrn.edu.br)

João Henrique Lourenço de Melo³

(Graduando em licenciatura em geografia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, (84) 98186-7234, henrique.lourenco@escolar.ifrn.edu.br)

Wylkson Silva Chacon⁴

(Graduando em licenciatura em geografia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, (84) 98166-5182, Wylchacon2011@gmail.com)

Maria do Socorro da Silva⁵

(Doutora, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, (84) 991246697, socorro.silva@ifrn.edu.br)

RESUMO

Entre 8 e 10 linhas, espaçamento simples, sem espaço entrelinhas. O resumo deve apresentar de forma sintética os objetivos, metodologia e resultados alcançados. O presente estudo discute os desafios enfrentados por docentes de Geografia na realização de aulas de campo, destacando sua relevância na articulação entre teoria e prática. Com base em um estudo de caso nas Dunas de Genipabu (RN) e no guia da UFC, são analisadas questões como infraestrutura precária, burocracia, exclusão e falta de planejamento. A pesquisa propõe estratégias acessíveis e criativas, como o uso de tecnologias e valorização do entorno escolar, para tornar viável essa prática pedagógica. Além disso, apresenta uma proposta de intervenção por meio de palestra formativa voltada a professores. Conclui-se que, apesar dos obstáculos, a aula de campo pode ser um instrumento poderoso de formação crítica e cidadã, desde que haja apoio institucional e compromisso docente.

PALAVRAS-CHAVE: Prática Pedagógica, Inclusão Educacional, Planejamento Interdisciplinar.

GT5: Ensino de Geografia

1 INTRODUÇÃO

Por meio das aulas de campo os alunos têm a capacidade de ser umas das potentes ferramentas de ensino-aprendizagem da geografia, podendo emergir o discente nos conteúdos estudados em sala de aula. Com essa prática permite o desenvolvimento do olhar crítico, da observação direta e da articulação entre a prática e o teórico. Contudo, para que essas imersões possam acontecer o docente precisa enfrentar vários desafios da sua realidade e fora dela, como infraestrutura, planejamento, burocracia institucional e, principalmente, à inclusão.

Esse Relatório de pesquisa, que também funcionará como base para uma Jornada de formação docente, vai buscar esses desafios e possibilidades de colocar em práticas os caminhos para pode enfrentá-los. Tomando com base o estudo realizado “Desafios do Docente frente à Infraestrutura e Planejamento para Aulas de Campo – Estudo de Caso nas Dunas de Genipabu, Extremoz, Rio Grande do Norte” e o guia facilitador da UFC para o planejamento de aulas de campo.

A proposta aqui apresentada visa não apenas diagnosticar os entraves, mas principalmente fomentar uma prática docente renovada, comprometida com a formação integral dos estudantes;

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A geografia é importante para entender como a sociedade transforma o espaço ao seu redor e consequentemente o local das aulas de campo. A geografia, com seus elementos, molda as atividades humanas, ao mesmo tempo em que estas últimas modificam a paisagem geográfica, por vezes, irreversíveis e que se torna ideal para mostrar os impactos aos alunos de forma concreta, através das aulas de campo.

No que se refere à Geografia, nesse contexto, Milton Santos (1996, p.15) destaca que “O espaço geográfico é o resultado da construção social dos homens. A geografia, portanto, não é apenas a ciência que mapeia o mundo, mas a que busca entender as relações entre os seres humanos e o meio em que vivem”.

Seguindo essa lógica, é seguro afirmar que o espaço não é um dado natural, mas sim algo que é moldado pelo contexto social, econômica, política e cultural, onde enfatiza as transformações do espaço, ou seja, o docente deve entender as interações entre a sociedade e o meio ambiente, repassando a seus alunos de forma clara, o encontro desses dois meios.

As Dunas de Genipabu, distante a 30 km de Natal, capital do Estado, localizada no município de Extremoz, Rio Grande do Norte, são um complexo de dunas móveis e fixas que se estendem por uma grande área, compondo um cenário perfeito para realizar aulas de campo. Mesmo as Dunas de Genipabu sendo um local extraordinário para uma aula de campo, os docentes enfrentam desafios como infraestrutura, planejamento e falta de insumos para a realização de tal atividade. Para Lima (2011, p. 72), “as aulas de campo nas Dunas de Genipabu proporcionam aos estudantes uma compreensão prática dos impactos socioambientais decorrentes da interação entre a sociedade e o ambiente natural”.

As aulas de campo fornecem um aprendizado prático que é muitas vezes mais impactante do que a teoria aprendida em sala de aula. Os estudantes podem ver, tocar e interagir com o ambiente que estão estudando, o que facilita a retenção e compreensão dos conceitos e a paixão pela matéria.

Na obra "A Formação de Educadores Ambientais" (Guimarães, 2004, n.p), enfatiza a importância de experiências em ambientes naturais para despertar a consciência crítica sobre sustentabilidade, destacando a necessidade de planejamento adequado e suporte material para

a efetividade dessas atividades. Mas nem tudo são flores. Há uma falta de insumos essenciais, como equipamentos adequados e materiais didáticos sobre as dunas. Além disso, o Estado não financia de maneira recorrente a realização das aulas de campo, os docentes enfrentam problemas de infraestrutura: o acesso às dunas pode ser complicado para alunos com mobilidade reduzida.

De acordo com Libâneo (2008), a escassez de suporte administrativo demonstra o descaso com

a qualidade da educação brasileira e restringe a aplicação de metodologias interativas no ensino de geografia. A infraestrutura insatisfatória e a ausência de estímulo para o desenvolvimento das aulas de campo são alguns dos principais desafios enfrentados.

A aula de campo é essencial para a compreensão geográfica e está alinhada com a pedagogia de (Freire, 1987, n.p). A educação libertadora pressupõe o conhecimento com a realidade vivenciada pelos estudantes, tornando o ensino de campo essencial para a compreensão geográfica. O ensino das aulas de campo proporciona aos alunos a oportunidade de vivenciar a realidade geográfica.

2.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A PRÁXIS PEDAGÓGICA NO CAMPO

A Geografia, enquanto uma ciência humana e ambiental, tem como meio que os alunos possam compreender as interações entre a sociedade e a natureza. De acordo com Milton Santos (1996), o espaço geográfico é socialmente construído e, portanto, só pode ser plenamente entendido através da prática.

Com isso, as aulas de campo se mostram um meio eficaz para desenvolver a consciência crítica dos alunos, mostrando que os tal observem e analisem as transformações espaciais, ambientais e culturais. Venturi (2011) destaca que o valor do trabalho de campo perdura ao longo dos séculos e se solidifica como uma prática essencial entre os geógrafos.

2.2 DESAFIOS ESTRUTURAIS E BUROCRÁTICOS

A pesquisa realizada nas Dunas de Genipabu expõe a realidade enfrentada por muitos educadores: falta de transporte, ausência de banheiros, dificuldades de acesso, escassez de materiais pedagógicos, insegurança e uma burocracia excessiva para a autorização das saídas (SILVA et al., 2025).

Libâneo (2008) observa que a carência de suporte administrativo reflete o desinteresse pela qualidade educacional, limitando a aplicação de metodologias interativas. Além disso, é comum que os professores assumam sozinhos partes da organização, o que gera desgaste e desmotivação.

2.3 PLANEJAMENTO E INTERDISCIPLINARIDADE

O guia facilitador da UFC (LIMA, 2018) sugere um modelo de planejamento minucioso, que abrange: definição de objetivos, elaboração de roteiro, infraestrutura do local, transporte, recursos materiais e humanos, autorizações, avaliação e compartilhamento dos resultados. Essa organização garante que a aula de campo não seja apenas um passeio, mas uma extensão significativa da sala de aula.

A interdisciplinaridade é um aspecto crucial. Professores de diferentes áreas podem colaborar no planejamento e na execução, ampliando as possibilidades de interpretação do espaço geográfico.

2.4 INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Um grande desafio é assegurar que todos os alunos possam participar plenamente da atividade. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) reforça o direito de todos à educação integral. Assim, cabe ao professor buscar maneiras de tornar suas aulas acessíveis, especialmente no campo, onde os desafios se intensificam. Iniciativas como a do IFRN são fundamentais para promover uma educação verdadeiramente inclusiva, onde cada aluno tem a oportunidade de vivenciar e compreender o conteúdo de forma igualitária. Essa abordagem não apenas amplia o acesso ao conhecimento, mas também valoriza a diversidade e fomenta um ambiente de respeito e cooperação mútua.

2.5 TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A tecnologia pode ser uma aliada poderosa na educação geográfica. O uso de ferramentas digitais, como aplicativos de mapeamento e realidade aumentada, oferece aos alunos novas maneiras de explorar e interagir com o espaço geográfico. Gonçalves (2023) destaca que o uso de drones em aulas de campo, por exemplo, permite a captura de imagens aéreas que enriquecem a análise e a compreensão do território estudado.

Além disso, plataformas de ensino online facilitam a continuidade das atividades fora do ambiente escolar, permitindo que os alunos compartilhem descobertas e reflexões em tempo real. Isso cria um ciclo de aprendizado contínuo, onde o campo e a sala de aula se complementam de maneira dinâmica e interativa.

3. METODOLOGIA

3.1 A PESQUISA CARACTERIZA-SE COMO:

Tipo de Pesquisa:

- Bibliográfica;
- De campo;
- Pesquisa-ação.

3.2 ETAPAS DA PESQUISA-AÇÃO

- **Diagnóstico:** Foi realizada uma análise dos desafios enfrentados pelos docentes de Geografia com base em experiências reais, incluindo o estudo nas Dunas de Genipabu, para justificar a necessidade da intervenção.

- **Planejamento:** Desenvolveu-se uma proposta de uma palestra expositiva dialogada voltada à capacitação de professores, com foco em planejamento, inclusão e execução de aulas de campo.

- **Intervenção:** A palestra será realizada no IFRN entre os dias - de 2025, com carga horária de 2 horas e atividades presenciais e/ou híbridas.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS:

- Entrevista;
 - Observação participativa;
-

- Diário de campo;

3.4. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICO (PALESTRA EXPOSITIVA DIALOGADA)

Quadro 01 – Estrutura Pedagógica Aplicada

CARGA HORÁRIA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	DESCRIÇÃO
6 horas	Elaboração e revisão dos slides da apresentação e a criação das perguntas para atividade pedagógica on-line.	
5 min	Acolhida e apresentação do tema	Apresentação dos integrantes, objetivos da palestra e pergunta-problema para provocar o público
10 min	Exposição Teórica – Parte Única	Contextualização do ensino de Geografia, importância das aulas de campo e principais desafios (síntese das partes 1 e 2). Breves menções a autores e legislações.
5 min	Interação 1 – Pergunta ao público	Diálogo com os participantes: “Você já participou de alguma aula de campo? Como foi a experiência?”
10 min	Caminhos possíveis e boas práticas	Propostas criativas para contornar limitações com

		metodologias alternativas, exemplos práticos e materiais acessíveis.
5 min	Interação 2 – Discussão em pequenos grupos ou roda de fala	Participantes compartilham ideias/sugestões de como promover aulas de campo com recursos limitados.
10 min	Atividade pedagógica online	Formulário interativo com perguntas-chave e mini jogo rápido.
10 min	Síntese final e abertura para perguntas	Recapitulação dos principais pontos e espaço para dúvidas e comentários.
5 min	Encerramento e agradecimentos	Fechamento com mensagem motivadora e convite à prática docente transformadora.

Fonte: autoral (2025).

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE:

A falta de transporte e a dificuldade de acesso às Dunas de Genipabu, apontado pela maioria dos participantes, configura como um obstáculo. A infraestrutura se estende à falta de recursos materiais e a falta de apoio financeiro, entre outros.

A falta de materiais pedagógicos específicos sobre as Dunas de Genipabu e a dificuldade em adaptar os conteúdos, mostram a necessidade de investimentos para as aulas de campo. O planejamento se estende ao penoso trabalho relacionado para autorização e execução das aulas de campo, merece destaque, sinalizando a importância de ações que visem a desburocratização e o apoio aos docentes.

A ausência de banheiros, áreas de descanso e locais para alimentação nas dunas também pode ser um grande inconveniente para os alunos. A falta de segurança é outra preocupação do docente, com a ausência de guarda-vidas e de policiamento, o que pode ser perigoso em caso de acidentes envolvendo os alunos. Por fim, há a questão do planejamento, onde as escolas

frequentemente não oferecem o apoio necessário aos professores. É fundamental que tudo seja planejado com antecedência, incluindo roteiro, transporte, alimentação e segurança.

Seguindo o ponto sobre as aulas de campo, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Geografia, instaurada pela Resolução CNE/CES no 14/2002, estabelece as diretrizes para a formação dos professores, mas não trata especificamente das aulas de campo.

Mas a resolução 53/2023 - do CONSUP/IFRN (Conselho Superior) mostra que

Atividades de ensino que envolvam total ou parcialmente uma ou mais turmas do IFRN, abordando conteúdos programáticos de uma ou mais disciplinas do(s) curso(s) com objetivo de possibilitar a realização de vivências que permitam desenvolver competências e habilidades, assumindo o pressuposto da articulação teoria-prática. (IFRN, 2023, p.2).

Ou seja, a aula de campo é como um conjunto de atividades de ensino e aprendizagem, realizada fora dos limites da instituição, que busca situações de estreita interação entre teoria e prática, tendo como critério a ementa da disciplina ou conjunto de disciplinas a que a aula de campo atende.

Voltando para a análise do resultado dos formulários, os participantes sugerem que para uma maior realização das aulas de campo nas Dunas de Genipabu, precisa de parcerias com outras instituições, maior apoio da instituição, simplificação dos processos burocráticos, busca por financiamento, divulgação das aulas de campo, incentivo à participação dos alunos no planejamento, ampliação da oferta de aulas de campo em diferentes áreas da geografia, utilização de diferentes recursos e mídias nas aulas de campo, criação de um banco de dados com materiais e roteiro.

Com estes resultados podemos traçar um panorama do que é mais necessitado para a realização das aulas de campo nas Dunas de Genipabu, podendo identificar pontos, dificuldades encontradas e lições requisitadas, temos que.

Para Silva e Jesus (2023), as aulas de campo em áreas como as Dunas de Genipabu proporcionam aos alunos uma experiência de aprendizagem significativa, que vai além da memorização de conceitos, permitindo a observação direta dos elementos da paisagem e a interação com a comunidade local. No entanto, a realização dessas aulas pode enfrentar desafios como a falta de infraestrutura adequada, a dificuldade de acesso e a necessidade de medidas de segurança específicas. Diante desse cenário, o planejamento cuidadoso, a formação dos professores e a participação dos alunos na execução das atividades são lições aprendidas fundamentais para o sucesso das aulas de campo.

Prosseguindo com a discussão e análise das últimas respostas do formulário de pesquisa, a maioria dos participantes considera as aulas de campo como essenciais. Os comentários e sugestões dos participantes reforçam a importância de investir em infraestrutura, apoio financeiro, formação de professores e materiais didáticos, além da simplificação de processos burocráticos e da importância da participação dos alunos nas aulas de campo.

Percebe-se uma variedade de perspectivas e abordagens, e que diversos autores apresentam concepções diferentes sobre aulas de campo, mas a literatura é unânime em apresentar a aula de campo como uma espécie de ligação única com a Geografia e que os docentes devem superar os desafios.

No que se refere a aula de campo, nesse contexto, José Venturi (2011, p. 21), indica que “O valor do trabalho de campo para os geógrafos atravessou séculos, fortalecendo-se com os naturalistas, resistindo às revoluções científicas que formularam a Geografia e chegando ao século XXI com seu status inabalado”.

Assim como Venturi mostra o valor do trabalho de campo. É esperado que esse tópico de discussão e análise, mostra uma perspectiva dos desafios relacionados a essa importante atividade. Ao explorar, as dificuldades encontradas e as lições aprendidas, é possível entender os desafios do docente, através da literatura científica, os estudos e a pesquisa qualitativa, consiga-se ampliar a discussão sobre, relacionando as respostas/experiências relatadas com as teorias e os estudos. Por fim, as aulas de campo, são importantes como ferramenta de ensino da Geografia, permitindo aos docentes superar desafios relacionados à infraestrutura e ao planejamento.

As aulas de campo são necessárias para mostrar como as Dunas de Genipabu e a Geografia se encontram. Elas podem ser usadas para a compreensão dos alunos, ainda existem muitos desafios a serem enfrentados e superados pelos docentes para que as aulas de campo se tornem cada vez mais comuns nas instituições educativas brasileiras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos desafios enfrentados pelos docentes no que tange à infraestrutura e ao planejamento de aulas de campo evidencia a complexidade e a multiplicidade de fatores que permeiam o processo educativo no contexto da educação básica e superior. A partir dos textos analisados e da reflexão crítica acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas em diferentes realidades, observa-se que a organização de atividades de campo demanda mais do que boa vontade e disposição do educador. Ela requer, sobretudo, um conjunto de condições materiais, institucionais e pedagógicas que garantam sua efetivação de maneira segura, significativa e inclusiva.

A aula de campo, enquanto estratégia didático-pedagógica, é reconhecida como uma prática potente na formação de estudantes, ao proporcionar a articulação entre teoria e prática, possibilitando a observação direta dos fenômenos e a imersão no espaço vivido. No entanto, sua realização ainda é, em muitos contextos, comprometida por limitações estruturais, como a ausência de transporte escolar, falta de recursos financeiros, carência de equipamentos adequados e escassez de apoio institucional. Além disso, a burocratização excessiva de processos administrativos e a desvalorização da prática de campo enquanto componente curricular efetivo contribuem para o esvaziamento de seu potencial formativo.

Os documentos analisados demonstram que, diante desses desafios, o professor assume um papel central na mediação e organização dessas práticas. Ele atua como sujeito criador de estratégias, planejador de itinerários pedagógicos e articulador entre os conteúdos escolares e os contextos socioespaciais concretos. Nesse sentido, o planejamento de aulas de campo deve ser pensado de forma criteriosa, considerando os objetivos de aprendizagem, as especificidades do território a ser explorado, os recursos disponíveis, a diversidade dos estudantes e os princípios da acessibilidade e da inclusão.

A adoção de uma metodologia dialógica, participativa e reflexiva, aliada à utilização de aparatos experimentais alternativos e práticas educativas contextualizadas, pode representar uma alternativa viável diante das limitações infraestruturais. Como apontado nos estudos de caso e experiências analisadas, o uso de materiais de baixo custo, a valorização do entorno escolar como espaço educativo e o engajamento dos estudantes no processo de construção do conhecimento são estratégias que contribuem para a superação de obstáculos e para o fortalecimento da formação crítica e cidadã.

Dessa forma, é imprescindível que as instituições de ensino, os órgãos gestores e os responsáveis pela formulação de políticas educacionais reconheçam a importância da aula de



campo no currículo escolar e promovam ações que viabilizem sua realização de forma efetiva e contínua. Isso inclui o investimento em infraestrutura, formação continuada dos docentes, revisão de diretrizes curriculares e criação de programas de incentivo à prática de campo como componente essencial da formação integral dos estudantes.

Conclui-se, portanto, que os desafios enfrentados pelos docentes na promoção de aulas de campo não devem ser vistos como entraves intransponíveis, mas como oportunidades para repensar as práticas pedagógicas, fortalecer a articulação entre teoria e prática e promover uma educação geográfica (e científica, de forma mais ampla) comprometida com a realidade dos sujeitos, com a justiça social e com a transformação do espaço vivido. O professor, nesse contexto, deve ser visto como agente ativo, criativo e crítico, capaz de transformar as limitações em possibilidades educativas, desde que receba o suporte necessário para tal.

6. REFERÊNCIAS

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE (IFRN). Resolução no 53/2023-CONSUP/IFRN. Disponível em:

https://portal.ifrn.edu.br/documents/12708/Resolucao_53-2023_-CONSUP-IFRN-aulas_de_campo.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN). Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/18950/1/>

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS). Disponível em:

<https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/7861/6543-10129-1-DR.pdf?sequence=1>

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES14/2002. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/.cnearquivos/pdf/CES142002.pdf>

BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GUIMARÃES, Mauro. A Formação de Educadores Ambientais. São Paulo: Cortez, 2004.

IFRN. Resolução n.º 53/2023 – CONSUP. Regulamenta as atividades de campo no IFRN. Natal: IFRN, 2023.

KRASILCHIK, Miriam. Ensino de Ciências e Cotidiano: o conhecimento científico na escola. São Paulo: Edusp, 2016.

LIMA, Eliziane Jane Lopes de Abreu. Planejando Aulas de Campo? Tenha Aqui um Guia Facilitador. Fortaleza: UFC, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2008.



XXVIII Encontro Estadual de Geografia do Rio Grande do Norte – EGEORN
Geografia Potiguar: Dinâmicas Territoriais e Desafios Contemporâneos
08 a 11 de outubro de 2025, UFRN – Campus Central, Natal - RN

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Adelmo Torquato da; ANDRADE, Fylype Rafael; MELO, João Henrique. Geografia: Desafios do Docente frente à Infraestrutura e Planejamento para Aulas de Campo – Estudo de Caso nas Dunas de Genipabu. 2025.

VENTURI, José. Trabalho de Campo em Geografia. São Paulo: Contexto, 2011.